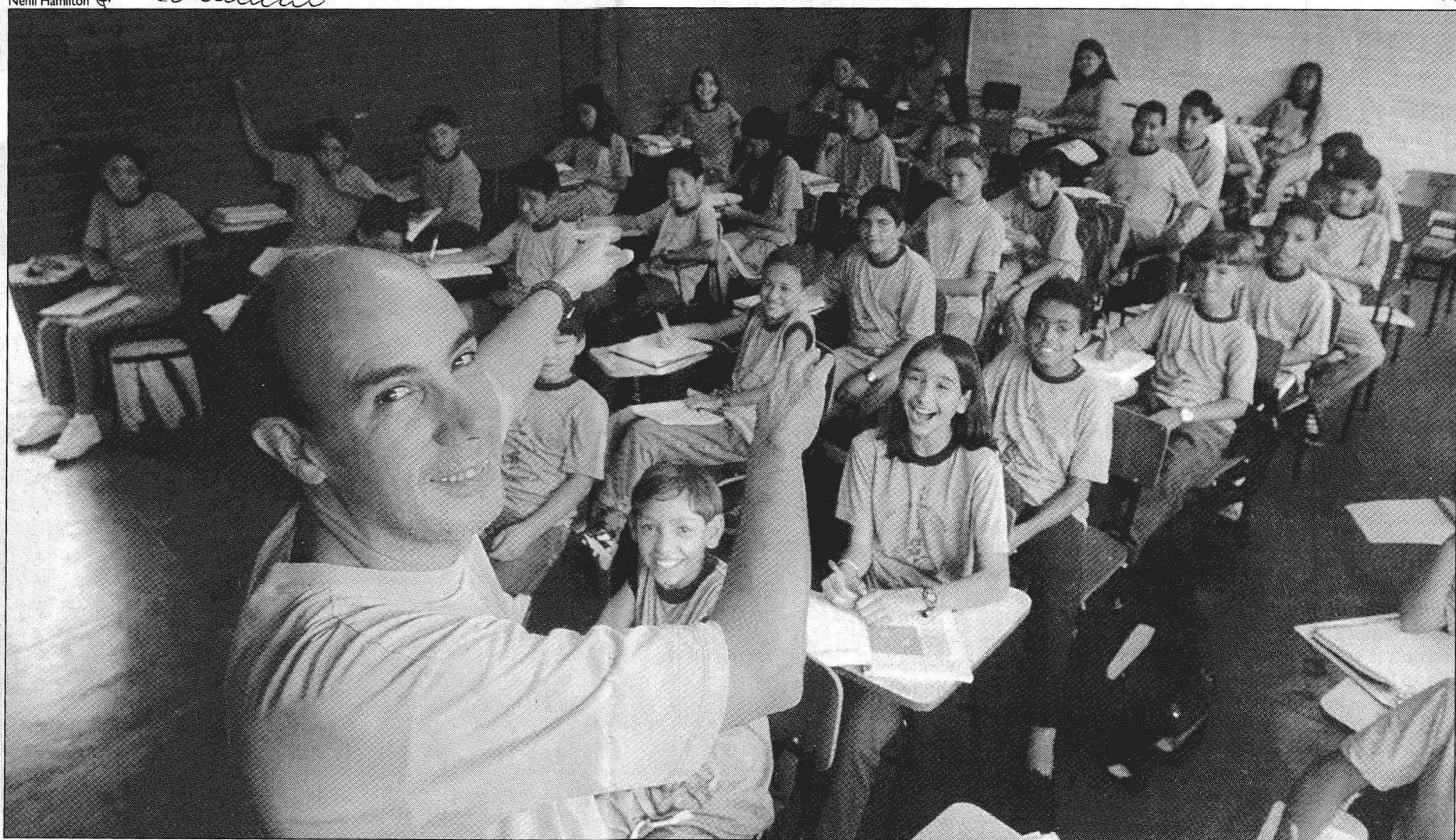


Nehil Hamilton - Educação



Assis, professor de História no Guará, ganha R\$ 2.200, bem acima da média nacional, mas acha pouco: "Só que 10 dias antes do final do mês já não tenho mais dinheiro"

Escola pública mostra a cara

Pais, alunos e professores chegam a Brasília para denunciar uma unanimidade: a situação é crítica

Lisandra Paraguassú
Da equipe do Correio

Se fosse uma prova, a educação brasileira seria aprovada. Pais, alunos e professores deram nota 6,5 ao que encontram nas escolas públicas do país. Mas, como qualidade de ensino não é um teste, o resultado da pesquisa Retrato da Escola, feita em 3.943 colégios de 15 estados a pedido da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), mostra que ninguém está satisfeito com o que se aprende hoje nas salas de aula do país.

As reclamações são recorrentes. Salários baixos, escolas sem infra-estrutura, falta de material didático. Todo professor de escola pública, seja estadual ou municipal, faz essas queixas. E os pais e os alunos concordam. Os salários ruins dos professores atrapalham a formação dos estudantes.

Dessa vez, todas essas reclamações estarão reunidas em um mesmo documento, com números e percentuais, o que a CNTE chama de dossiê sobre as condições da educação no país. A pesquisa será entregue hoje aos parlamentares, no final da Marcha em Defesa da Educação Pública que, segundo os organizadores, deverá reunir quase 20 mil pessoas de todo o país na Esplanada dos Ministérios.

O levantamento serviu de base para uma lista de reivindicações ao governo, e para mostrar que, por trás do discurso do sindicato, há apoio de pais e alunos. "Nossa intenção era envolver os usuários da educação pública,

e foi uma satisfação descobrir que o pensamento deles está em sintonia com o nosso", diz Carlos Abicalil, presidente da CNTE. As reivindicações de todos os envolvidos com a escola são quase as mesmas. Professores pedem melhores salários, e os pais também acham que eles deviam ganhar mais.

Os estudantes querem melhores condições para estudar — uma quadra de esportes, uma biblioteca melhor equipada — e merenda. Os pais reivindicam mais segurança e também uma escola melhor.

DEPEDRAÇÃO

Os pedidos coincidem com problemas encontrados em outros levantamentos feitos tanto pelo governo federal quanto pelo próprio CNTE. Uma pesquisa feita pelo Fundo de Fortalecimento da Escola (Fundescola), ligado ao Ministério da Educação, apontou que 75% das escolas das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste precisam de reformas. No caso das capitais, cerca de 15% teriam que ser totalmente reconstruídas.

O estudo mostra que os problemas vão desde paredes rachadas e vidros quebrados a falta de carteiras, geladeiras e armários — exatamente uma das queixas de pais, alunos e professores na pesquisa do CNTE. Na análise dos dados sobre estrutura e equipamentos, a falta absoluta ou a precariedade do material existente é a principal reclamação.

Em outra pesquisa, realizada no início do ano pelo Laboratório

AVOZ DO POVO		
OS MAIORES PROBLEMAS DAS ESCOLAS		
■ Baixa frequência e alta evasão em função do trabalho infantil Segundo o censo de 1997, a evasão — em que a criança não volta para a escola — chega a 4,4%. O abandono, em que ela pode voltar no ano seguinte, é de 11%	■ Muitos alunos por turma O ideal, em uma turma de alfabetização, é 25 alunos. No Brasil chega-se a ter 40 na mesma classe	vezes demoram a chegar nas escolas
■ Precariedade de infraestrutura e ausência de equipamentos Pesquisa feita pelo MEC mostra que cerca de 75% das escolas do Norte, Nordeste e Centro-Oeste precisam de reformas	■ Salários indignos e falta de formação Hoje a média salarial dos professores brasileiros é de R\$ 529	■ Irregularidade nos repasses dos recursos financeiros Programas pensados para que as escolas possam receber mais verbas, como o Fundef, muitas vezes se perdem na burocracia das prefeituras
	■ Irregularidade no fornecimento da merenda escolar Os recursos para merenda são repassados aos estados e municípios pelo MEC, e muitas	■ Falta de funcionários e falta de segurança Uma pesquisa coordenada pela UnB mostrou que mais de 70% das escolas brasileiras enfrentam problemas de violência e vandalismo
AS REIVINDICAÇÕES		
DOS PAIS E MÃES <ul style="list-style-type: none"> ■ melhoria de salário para os trabalhadores de educação ■ melhoria de infra-estrutura e segurança 	DOS ALUNOS <ul style="list-style-type: none"> ■ melhoria da infra-estrutura física e didática (como bibliotecas e quadras) ■ merenda escolar 	DOS TRABALHADORES <ul style="list-style-type: none"> ■ Salários ■ Formação permanente

de Psicologia do Trabalho da Universidade de Brasília (UnB) — por encomenda da Confederação —, 70% das escolas públicas do país aparecem com problemas de violência. Assaltos, invasões e vandalismo deixam professores e estudantes apavorados e complicam o ensino no país.

No entanto, o principal ponto do levantamento do CNTE cai sobre o que mais se fala no Brasil: os salários dos professores. Nem mesmo o Fundo de Valorização do Ensino Fundamental — que garante um investimento na educação pública de R\$ 315 por aluno, e obriga estados e municípios a aplicar 60% dos recursos nos docentes —, fez com que a remuneração seja considerada justa.

Depois do Fundef os salários aumentaram 12%. Não foi suficiente. Professores consideram

seus vencimentos indignos, e os pais dos alunos concordam. Nem o Distrito Federal — segundo o MEC, a maior média salarial do país, incluindo escolas particulares — escapa. "Temos que ver que o custo de vida em Brasília é o maior do país", diz Carlos Abicalil. "Então mesmo ganhando mais que nas outras regiões, não significa que os salários sejam bons."

CONTINUIDADE

Se pudesse ouvir Abicalil, o professor de História Mauro Assis concordaria. Dando aula há 22 anos, hoje no Centro de Ensino 4 do Guará I, Mauro ganha bem para a média brasileira: R\$ 2.200. "Só que 10 dias antes do final do mês já não tenho mais dinheiro", conta o professor, que sustenta cinco filhos. É difícil encontrar numa escola do Distrito

Federal alguém que não tenha queixa semelhante.

Os professores concordam que têm condições melhores que em outros estados. Na EC 4, não há problemas de segurança e os livros didáticos chegaram para todos os alunos. Mas falta biblioteca. E ninguém usa a TV Escola, porque não tem como gravar os programas, idealizados pelo MEC para ajudar os docentes na preparação das aulas.

As queixas vão além. Muitas vezes, bons programas são abandonados quando muda o governo. "Não há continuidade meramente por política", afirma Assis. Talvez por isso 40% dos entrevistados pelo CNTE dizem que a educação piorou depois que os novos governos assumiram — isso apenas 10 meses depois das últimas eleições.